



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

“EM LATIM É MAIS ENGRAÇADO”: A TRADUÇÃO COMO AUXILIADORA OU
PROBLEMATIZADORA DO DISCURSO CÔMICO EM “EU, A PATROA E AS
CRIANÇAS”

Karine Léa Silva da Cruz

Rio de Janeiro

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

“EM LATIM É MAIS ENGRAÇADO”: A TRADUÇÃO COMO AUXILIADORA OU
PROBLEMATIZADORA DO DISCURSO CÔMICO EM “EU, A PATROA E AS
CRIANÇAS”

Karine Léa Silva da Cruz

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
à Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte dos requisitos necessários para
a obtenção do Grau de Bacharel em Letras
- Português/Inglês. Sob a orientação da
Professora Janine Pimentel.

Rio de Janeiro
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

“EM LATIM É MAIS ENGRAÇADO”: A TRADUÇÃO COMO AUXILIADORA OU
PROBLEMATIZADORA DO DISCURSO CÔMICO EM “EU, A PATROA E AS
CRIANÇAS”

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
à Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte dos requisitos necessários para
a obtenção do Grau de Bacharel em Letras
- Português/Inglês.

Janine Pimentel, Dra.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

Dedico este trabalho, acima de tudo, ao Deus que me trouxe até este lugar e, muito antes disso, me deu a chance de recomeçar e reconstruir minha vida. Também dedico a todos que contribuíram para minha formação, desde a fundamental até a acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, o Amor da minha vida, que me mostrou o quanto eu era especial apesar de tudo o que eu vivi. Ele, pela Sua misericórdia, me presenteou não somente com o dom de línguas, mas com o dom de amá-las e utilizá-las a favor do Seu Reino e Sua Vontade.

À minha família, que sempre investiu em minha educação e em mim até hoje, e nunca desistiu do meu crescimento pessoal e profissional. Amo todos vocês.

A cada professor que fez parte da minha jornada acadêmica, do fundamental até aqui, e em especial à professora Janine Pimentel, que me inspirou a acreditar e a admirar o universo da tradução e suas técnicas em cada uma de suas aulas. Aos professores Felipe Lima, de Literatura Comparada, Maluh e Michela, de Literatura Brasileira e de Língua Inglesa, pela paixão que reacenderam em mim pela leitura e pela escrita, e por me fazerem sentir-me em casa novamente depois de tanto tempo de faculdade.

E aos meus amigos mais especiais, especialmente os da Força Jovem Universal e do Mídia FJU, que me motivaram a seguir a área de Humanas e a torná-la parte da minha vida. Shyrley, Tamires, Ingrid, Raquel, Priscila, Isaac e tantos outros. Amo vocês.

RESUMO

O objetivo deste trabalho visa analisar em quais momentos a tradução de um produto do gênero humorístico como “Eu, a Patroa e as Crianças” (*corpus* a ser analisado), tanto na dublagem quanto na legendagem (do inglês para o português brasileiro), ou alguma técnica utilizada nela é adequada ou dispensável, e como isso impacta o público e sua recepção ao assistir o conteúdo audiovisual finalmente adaptado. A tradução de um produto de entretenimento cômico para o público brasileiro sempre enfrentou grandes desafios, tanto em sua fase de adaptação quanto de interpretação. No entanto, ela nunca deixou de impressionar os espectadores e encantá-los a ponto de fazê-los memorizar desde falas até cenas, tanto na legendagem quanto na dublagem, transformando simples dubladores em ídolos para diversos fãs de séries e programas de TV já estrelados por eles simplesmente pela voz. Ainda assim, este processo de transformação, tanto de piadas quanto do contexto cênico, pode se tornar mais extenso mesmo depois da finalização deste, quando o público passa de observador a crítico e começa a discutir que tipo de tradução é melhor, ou como popularmente se ouve nas filas dos cinemas brasileiros a questão do “qual é melhor: dublado ou legendado?”. E é o estudo das divergências e escolhas de técnicas a se utilizar no processo de tradução destes conteúdos, e se estas escolhas implicam num melhor, porém/ou diferente, entendimento de um trocadilho ou expressão nas duas versões disponíveis para o público, o principal interesse desta pesquisa.

Palavras-chave: cômico; entretenimento; dublagem; legendagem; tradução; adaptação; espectadores; versão; público; processo.

ABSTRACT

The main goal of this paperwork is to analyze in which moments the translation of a comic gender content as “My Wife and Kids” (*corpus* of this paperwork to be considered), in both dubbing and subtitling (from english to Brazilian portuguese), or any technique used in it sounds adequate or unnecessary, and in which way it affects the viewers and their reception when exposed to the audiovisual adapted content. The translation of entertaining comedy genres to Brazilian spectators always have faced huge challenges, not only during its adaptation phase but also along its interpretation one. However, it never stopped impressing and enchanting its public, even leading it to memorize from quotes to scenes, in both dubbing and subtitling, and turning simple dubbers into idols to many fans of the series and TV shows already starred by them just through voice. Still, this process of transformation, including the jokes and the scenic context, can be extended even after its finishing, when the public goes from a mere watcher to a critic and starts discussing which the best translation is, or as it is common to hear along the lines to buy tickets in Brazil cinemas: “which is the best: Portuguese or English version?”. And the study of these divergences and choices of techniques to implement during the translation procedure of the content, and if these choices may imply in a better, but/or different, comprehension of a pun or expression in both available versions to the spectators, is the main concern of this research.

Key words: comedy; entertainment; dubbing; subtitling; translation; adaptation; spectators; version; public; process.

SUMÁRIO

1. Introdução: a lógica de Franklin Aloysius Mumford	8
2. Objetivo geral.....	10
3. Justificativa	10
4. Revisão bibliográfica	11
5. O humor é mais que um gênero.....	12
6. Metodologia	13
7. Resultados esperados	13
8. Informações adicionais	13
9. Dublado <i>versus</i> Legendado	14
10. Quando tem mais graça?	19
11. Traduzindo além do texto	20
12. Deu problema? Os espectadores respondem	23
13. Considerações finais	28
14. Bibliografia.....	29

1. Introdução: a lógica de Franklin Aloysius Mumford

Os fãs da série “Eu, a Patroa e as Crianças” sabem exatamente de quem e quais tipos de piada esperar quando o nome “Franklin” é mencionado. O personagem é um menino que não nasceu há uma década e já possuía doutorados e graduações que ninguém jamais sonharia em conseguir em tão pouco tempo (personalidade típica do universo da ficção), e por possuir um grau de conhecimento superior ao dos demais personagens do programa, normalmente se vê solitário na maioria das piadas que conta. Ele deixa clara a falta de “graça” (ou a falta de entendimento por parte de seus ouvintes) com um “alô” prolongado, simulando bater no som de um microfone imaginário como se estivesse pronto para ser vaiado em um show de *stand up comedy*. Esse momento de “vácuo” que o personagem vive é que faz a graça ser um elemento indispensável para a série. E isto, definitivamente, não é recomendável para uma série de TV como esta. Mas uma justificativa para a falta de uma “comédia” maior, especificamente em seus trocadilhos e piadas, surge no episódio 7 da 4ª temporada, onde uma simples sentença é traçada pelo personagem, e que surge não só como uma surpresa de frase de efeito, mas também como uma afirmação de um sentimento. Sentimento este que muitos dos espectadores brasileiros têm quando uma determinada cena até possui as “risadas” da edição de vídeo, mas a mesma não consegue surtir um bom efeito em nós quando ouvimos ou lemos a tradução de um episódio: “em latim é mais engraçado”.

O que isso significa, afinal? No episódio, o próprio personagem faz questão de fazer a tradução simultânea da piada contada para o latim (tamanho é seu conhecimento no assunto) mas todos os ouvintes, tanto dentro quanto fora do episódio, parecem alheios à compreensão do que está sendo dito. A graça e as “risadas de edição”, obviamente, vêm neste exato momento em que o jovem faz uma expressão nada menos que “cômica” ao tentar interpretar a piada. Seu esforço, suas caretas e até o fato de uma língua diferente (e consideravelmente arcaica) invadir o cenário do episódio levam a carga de comédia muito mais do que a piada contada e seu significado em si.

Mas o problema não acontece apenas com o mais superdotado personagem de “Eu, a Patroa e as Crianças” quando migra da língua “nativa” para uma outra língua a fim de entender um trocadilho. A versão dublada da série traz problemas quanto à compreensão de algumas piadas em diversos episódios. Desde as primeiras temporadas, algumas referências pareciam menos familiares ao público brasileiro, como a apresentação de Michael Kyle para

sua esposa Jay no episódio 10, temporada 1. A cena era, na verdade, baseada numa canção romântica de Marvin Gaye, *Let's Get It On*, mas a dublagem não permitiu que a música fosse cantada da mesma forma e no mesmo ritmo, o que tornava a música imperceptível. E não somente nesta, mas em outras situações ao longo das temporadas, a dublagem, em contraste com a legendagem, não reconhece muitas alusões a outros ícones e símbolos da língua original. O contrário também acontece: a legendagem pode causar grandes problemas quando alguém tenta acessar alguns conhecimentos mais “literais” e mais próximos da língua nativa da série, procedimento que é mais comum nesse tipo de tradução.

Se considerarmos tanto a legendagem quanto a dublagem segundo a definição de Mendes (2007: p. 19) sob a luz da tradução audiovisual, como um simples “processo da tradução, oral e escrita, intralingual e interlingual, de um material audiovisual, tal como filmes, programas televisivos, desenhos animados e documentários”, teremos um processo de compreensão mais direto e menos interpretativo. Ou seja, não é necessário realizar grandes esforços para entender um produto traduzido, e o poder de interação do espectador com a série se torna menor, fazendo este simplesmente sentir-se mais “cômodo” e “ter menos trabalho”. Com isso, ele recorre à tradução para o português brasileiro, pois ele também é um tradutor (afinal, interpretação não é um tipo de tradução?) e possui uma grande capacidade de percepção, a ponto de saber descrever o que é “engraçado” e o que é simplesmente “informativo”. E quando vamos para o campo do humor, este é mais do que um gênero e possui uma terminologia (Possenti, 2018), o que significa que a tradução do humor não consiste em simplesmente interpretar, mas referenciar, ligar, coordenar e iluminar o entendimento do espectador diante do que diferencia uma piada de uma sentença.

Essas e outras situações, passíveis e possíveis de compreensão para os espectadores, no entanto, passaram despercebidas para alguns tradutores e, por conseguinte, para os que assistem, fazendo com que a oportunidade de maior contato com os episódios, com os personagens e até mesmo com a cultura que a série transmite seja perdida aos poucos.

Considerada uma das séries de maior prestígio e popularidade entre os espectadores brasileiros, a *sitcom* “Eu, a Patroa e as Crianças” é assistida há mais de dez anos com uma recepção maravilhosa. Originalmente produzido para o público falante de língua inglesa, a série se insere **um** contexto específico (comédia de humor negro, somando-se à utilização do “Black English” e composto por um elenco de origem afro-americana) recheado de referências norte-americanas e estrangeiras. Por este motivo, muitas piadas e até mesmo

episódios fugiram à compreensão dos fãs do seriado, levando tanto a dublagem quanto a legendagem de alguns episódios a um número de espectadores mais alto ou baixo que o comum, ou até mesmo passível de críticas, análises e interpretações. Os procedimentos de tradução necessários auxiliam ou atrapalham a compreensão dos fãs da série? Seria necessária uma retradução ou um estudo mais aprofundado do contexto cultural? Há uma falta de conexão entre os episódios e a evolução da série, ou uma mudança linguística? Será possível que a dificuldade de compreensão também remete aos diferentes níveis linguísticos que a série apresenta entre os personagens, então por esse motivo Franklin seria o personagem mais “incompreendido”, por ser mais “científico” e “especialista”? A tradução, quer dublada ou legendada, e os momentos em que ela é um empecilho ou a solução de um problema de compreensão do espectador é a temática principal deste trabalho.

2. Objetivo geral

Pensando nisso, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso baseia-se em encontrar os motivos pelos quais muitos episódios não contaram com uma tradução adequada ou com as devidas referências, que deveriam atender às expectativas do público tanto em relação ao entendimento de uma piada quanto ao despertar da reação alegre do espectador, por tratar-se de uma comédia. Também visa-se investigar as situações em que certas anedotas realmente sequer tiveram tradução, e como isso pode ter prejudicado ou não a compreensão de algumas situações e piadas dentro de episódios. Outro objetivo é comparar a legendagem com a dublagem do *corpus* analisado, que é composto por episódios selecionados com um grande número de críticas feitas pelos espectadores.

3. Justificativa

A repercussão da série e sua contínua popularidade entre diversos meios de comunicação, tanto redes sociais quanto *streamings* como o YouTube, traz consigo a necessidade de manter o entretenimento de forma padrão e integral para todos os espectadores. No entanto, dados os diferentes contextos culturais e linguísticos, além das referências diversas que a série produz e apresenta (desde exemplos dos anos 60 até a história da cultura norte-americana), muitas adaptações ou traduções inadequadas (que não satisfazem a compreensão ou deixam margem para a crítica do público) conseguiram modificar significados parciais ou inteiros de episódios ou cenas, que influenciaram outros episódios e

sua compreensão plena e foram percebidas pelos espectadores. Essa falta de entendimento pode acarretar não somente o desinteresse, mas também uma barreira entre um conhecimento mais profundo do espectador sobre a cultura da *sitcom* e o contexto linguístico-cultural na qual a série está inserida.

4. Revisão bibliográfica

Gideon Toury apresenta a tradução como o texto em uma certa língua que ocupa uma posição, preenche uma “lacuna, na cultura apropriada, ou em uma determinada seção da mesma” (1995: 56). E de fato, sabendo que nem todos os sistemas linguísticos gramaticais obedecem à mesma ordenação, vocabulário ou expressões idiomáticas, nem sempre é possível preencher totalmente o vazio. Ao que concerne a tradução de textos do gênero cômico, mais duas categorias precisam ser preenchidas: a do sentido (muitas vezes duplo) e da metáfora, para a qual Dagut esclarece que “não existe um dicionário bilíngue” (Dagut, 1976). Isto significa que nem todas as traduções possuem vias de mão dupla perfeitas, cujo espelhamento entre a língua-fonte e a língua-alvo possuam uma correspondência completa, o que pode causar as “incongruências interlinguísticas” (Dagut, 1976). Por isso, não utilizando-se jamais de traduções literais o tempo todo para produzir uma tradução, mas de procedimentos diversos (Barbosa, 2004), existe uma “necessidade de adaptação à linguagem atual, uma vez que a língua sofre constantes mudanças em sua composição (Bassnett, 2000). Então, considerando também que “a linguagem oral sofre mudanças mais rápido do que a linguagem escrita” (Bassnett, 2000), o caso da dublagem, muito mais do que a legendagem, conta com ainda maiores processos de adaptação, dada a instantaneidade da necessidade de compreensão (a legendagem possibilita a leitura, um tempo de interpretação maior do que na dublagem).

Isto, portanto, leva-nos a mais uma questão sobre esta constante mudança, que somada à carência de adaptação, traz uma outra necessidade: a de “retradução”? Susam-Sarajeva propõe que a necessidade maior pertence à língua-alvo, não à língua-fonte (2003: 5). Os casos de falta de referência ou correspondência entre ambas as línguas sem uma revisão secundária (isto é, após a apresentação e tipos de recepção da primeira tradução ao público espectador e suas reações a cada uma das metáforas e piadas) poderiam trazer essa necessidade de adaptação ou não?

5. O humor é mais que um gênero

A influência e o papel que o humor adquiriu ao longo dos anos evoluiu. Na verdade, sua função como entretenimento passou a um nível informativo, por exemplo, principalmente em tempos como os atuais, onde a acessibilidade à informação é cada vez mais forte (de ambos os lados, usuários e programadores) e comum, e por isso um mesmo discurso humorístico pode produzir diversos efeitos diferentes em um mesmo espectador. Se pensarmos num canal de “memes” como o Corrupção Brasileira Memes, que começou como uma página do Facebook fazendo sátira a diversos políticos do cenário brasileiro e ganhou força em 2016 ao brincar com os posicionamentos de todos os votantes do processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, temos um canal de humor que não simplesmente foi capaz de entreter, como também informar e estimular seus espectadores a buscarem referências sobre os protagonistas das piadas a fim de fazer com que eles também produzissem novas piadas com esses protagonistas do cenário político. Assim, figuras simples e desconhecidas para os fãs da página ascenderam e até mesmo conseguiram fama e apoio, e a reprodução rápida de mais referências ainda teve um efeito popular gigantesco. Mais do que a graça, a exposição de personalidades sem quaisquer notoriedade e que proporcionaram momentos peculiares em meio a tantos processos e momentos críticos na história da política brasileira foi a grande promoção que levou a página a atingir a marca de mais de 1 milhão de seguidores só na maior rede social, além do agradecimento pessoal dos mesmos políticos que motivaram as sátiras.

Mas seria isso o suficiente para aumentar sua relevância em meio aos seus espectadores a nível de “gênero”, muito mais do que um “tipo de entretenimento”? Seria o humor uma construção, que perdura por quanto tempo for necessário, sólido e firme e compreensível em qualquer tempo e época? Como uma estátua, será que uma legenda no nível inferior de sua estrutura é suficiente para traduzir sua performance e alcançar seu objetivo de entreter? Como será a reação de uma nova geração que poderá surgir em, pelo menos, 30 anos, vendo a mesma obra de arte? Sua interpretação será sempre a mesma ao longo dos tempos?

Em poucas palavras: sabemos que não. Aliás, quando temos um produto audiovisual estrangeiro traduzido para o português, como foi o caso de “Eu, a Patroa e as Crianças” (foco deste trabalho a ser descrito), até mesmo no tempo real de sua transmissão, em qualquer canal

ou *streaming* que seja, margens para interpretações diversas (ou até mesmo a falta delas) das metáforas na série podem surgir.

6. Metodologia

A metodologia utilizada contou com uma pesquisa de campo *online* e de levantamento entre os espectadores da série através de formulários e perguntas sobre a *sitcom*, questionando desde os episódios mais difíceis de se entender até os personagens com uma linguagem mais peculiar (e, por isso, menos “engraçados”), bem como índices de visualização em grandes plataformas como o YouTube e comentários. Esse dado pode ser importante para compreendermos se a visualização de alguns episódios é maior do que de outros graças à dificuldade de compreensão ou de falta de referências conhecidas para os espectadores ou não. Por isso, também desfrutaremos dele para a pesquisa.

Além disso, sabemos que o alcance da série é muito grande até os dias de hoje, apesar de sua reprodutibilidade original não existir mais na TV aberta (pelo SBT) atualmente, sendo possível apenas acompanhar a série, de forma mista e fora de ordem, na TV a cabo (pelo canal Comedy Central) ou pelo *streaming* de vídeos YouTube. Pensando nisso e dada a necessidade de analisarmos não somente cenas, como também a reação dos espectadores **mediante** a estes momentos específicos da série que não foram bem compreendidos por eles, nos utilizaremos de recortes de cenas cômicas através do *streaming* YouTube e realizaremos uma análise delas para fundamentação de nossa pesquisa, considerando também os comentários dos espectadores (caso surjam) em relação a estes mesmos recortes.

7. Resultados esperados

Ao final deste projeto, verificaremos se, de fato, a compreensão dos espectadores em relação à série (dublada e legendada) é comprometida em pontos e episódios particulares da série “Eu, a Patroa e as Crianças”; se isto proporciona um interesse pela busca **à** referências fora da série pelos próprios espectadores ou um desinteresse pelo episódio ou cena.

8. Informações adicionais

Os formulários da pesquisa entre espectadores foram realizados pelo Google Forms, e uma comparação entre a terminologia utilizada pelos personagens e qual deles transmitia mais

clareza das piadas aos espectadores da própria *sitcom* (que também apresentam níveis lexicais e idiomáticos diferentes) também foi realizada.

9. Dublado *versus* Legendado

A análise da versão dublada do episódio 10 da 1ª temporada da série, “Um Pouco de Romance”, nos apresenta uma grande divergência entre a dublagem e a legendagem, apesar de algumas semelhanças entre os áudios original e dublado. O episódio se inicia apontando um erro de continuidade (os espectadores também tiveram a mesma percepção): Michael menciona a idade de Kady

“E você? Você é só uma garota de 4 anos, mas a mais bonita da casa!”

como sendo menor do que a idade mencionada no primeiro episódio da série: 5 anos de idade.

Na dublagem, quanto ao comentário de Jay e a resposta de Michael sobre a nova namorada do irmão de Michael, Tiara, definindo-a em três adjetivos (“jovens, lindas e estúpidas”), uma palavra incomum ao nosso cotidiano linguístico surge:

“Os homens chamam isso de ‘trifecta’.”

que, de fato, se assemelha ao original (“Men call it ‘the trifecta’”.)

Enquanto isso, a legendagem aborda o “resumo” de Michael sobre a namorada do próprio irmão como:

“Os homens chamam isso de ‘perfeição’.”

É possível que, de fato, o espectador faça um esforço e assimile uma associação automática de partes da palavra (“tri” como “três” ou “trio”; “fecta” como “feita” etc.), mas esse vocábulo pertence a uma terminologia mais específica (para apostas em corridas de cavalos, que não tem uma popularidade tão grande no contexto brasileiro), então a dublagem subentende, como na língua original (que também utiliza a mesma palavra no áudio), uma piada de duplo sentido. No entanto, não seria mais fácil se os espectadores se familiarizassem com este tipo de palavra, associando-a a um significado mais íntimo-pessoal da piada, como “portadora das 3 principais características que todo homem quer” e, por isso, uma “perfeição”, como fez a legendagem?

Na mesma cena, a dublagem é literal, mas feliz em relação ao comentário de Michael em relação ao Júnior sobre algo que ele precisa aprender (uma vez que o personagem é jovem,

em fase de crescimento e aprendizagem), o que não acontece na legendagem, pois enquanto a dublagem propõe

*“Prever quando vai levar um chute no **sentador**.”*

não somente mais próximo do original, como também mais próximo do contexto dos personagens, a legendagem propõe a tradução

“Sua mãe vai te dar porrada.”

que não traz um tom cômico nem para a cena e nem para o personagem, que solta uma risada depois da frase original (*“know when a foot is about to be in your ass”*). É uma sentença mais simples e mais comum do que propriamente engraçada, e afasta tanto a piada da cena quanto o trocadilho, uma vez que Junior, após ouvir isso, sai do lugar onde estava “sentado” (e por isso o “sentador” foi feliz, por referência à cadeira na qual o personagem se sentou e se levantou por causa da ameaça direta do “chute no traseiro”).

A falta de um tom cômico na dublagem se configura na cena em que Kady é convidada pelo Tio Ken para ir trabalhar com ele no restaurante e pede permissão à Jay para ir fazer “pudim pretinho” (outra interpretação para o “mousse de chocolate” que Tio Ken menciona), que torna a fala mais “fofa” do que propriamente “engraçada”, enquanto na legendagem

“Mamãe, o Tio Ken vai me ensinar a fazer aquela meleca preta.”

que se combina perfeitamente com uma releitura do ato de cozinhar como uma “brincadeira” familiar ao contexto de Kady, pois algumas crianças brincam com “melecas” ou brinquedos de esticar e puxar.

Mas a partir da noite do jantar em que tio Ken traz a namorada Tiara para apresentá-la à família, uma técnica de tradução funcionou perfeitamente, enquanto outra poderia ter sido aplicada. Michael e Ken se sentam para conversar, e é neste momento que a chuva de referências diverge, algumas felizmente colocadas e outras não. Enquanto na dublagem Ken se sente como *“um vovô quando inventaram o Viagra”*, a legendagem segue fiel ao áudio original citando *“Hugh Hefner quando inventaram o Viagra”*. A referência ao Viagra é muito famosa no Brasil, por se tratar da pílula azul (que também é citada na série outras vezes desta maneira) que “ativa” o homem sexualmente, mas Hugh Hefner, criador da revista Playboy, não tem mais popularidade entre os espectadores da série do que a própria revista. Se o uso do título da revista Playboy fosse feito na legendagem (ao invés do nome de seu criador), provavelmente a graça seria ainda maior e não despertaria dúvidas no espectador sobre quem

seria este homem. Sua criação, ou seja, a revista, tem maior notoriedade e alta repercussão ainda hoje, após seu falecimento. Aqui, um processo de adaptação ou melhoria na legendagem caberia perfeitamente para não deixar a piada se perder.

Já no dia seguinte, quando Ken e Tiara estão de partida, seus primeiros momentos na dublagem são certos, mais do que a legendagem, para mais um momento de graça: quanto ao comentário de Tiara dizendo *“me sinto como se fosse da família”*, a dublagem faz um trocadilho perfeito com a resposta de Jay através do *“não sinto!”*, com o mesmo efeito cômico do *“don’t!”* em inglês, deixando Tiara sem entender que isto na verdade é um duplo sentido e que Jay, na verdade, não gostou de sua presença em sua casa, mas a deixa subentender que ela é bem-vinda mesmo não sendo da família. O próximo momento, no entanto, acerta na atuação mas erra na dublagem: a dança de Michael na chuva chamando Jay para fazer amor é seguida de uma performance musical com a música *“Let’s Get It On”*, de Marvin Gaye, que fala justamente sobre esse momento de intimidade, mas os espectadores não souberam identificar que esta era a música nem pelo ritmo que o dublador cantou, já que foi traduzida literalmente.

Felizmente, isso não pareceu incomodar os espectadores, mas a série como um todo diverge quando o assunto é música cantada pelos próprios atores. Em um momento crucial como o do episódio 9 da temporada 5 da série, recheado de batalhas de rap, nenhuma tradução é feita: nem legendagem, nem dublagem. As rimas cantadas por Michael e Bobby Shaw durante o duelo mencionam nas letras das canções ofensas **à** Junior (e só percebemos isso pelas reações do personagem quando ele ouve os dois “competidores” cantarem), o que também faz parte da graça do episódio. Em um verso, Michael, por exemplo, comenta que *“esperava ter gerado uma ‘menina’ ao invés dele, mas erros acontecem, e olha aí ele (o filho Júnior)”* além de utilizar outros trocadilhos com o formato da cabeça do filho (constantemente feito de chacota ao longo da série) e sua falta de inteligência. Este tipo de informação poderia motivar um acréscimo na quantidade de piadas, e neste caso em especial, quando temos um elemento de acessibilidade mais limitada pelo público brasileiro como o rap americano (cuja velocidade de fala mais rápida do que o comum), a compreensão é tão fundamental neste episódio quanto em outros onde as músicas foram cantadas, pelo menos, em português e tiveram suas piadas adaptadas (como em *“A Proposta”*, *“Noite Romântica”* e *“O Casamento”*).

Os dois lados da moeda da tradução (a legendagem e a dublagem) para espectadores brasileiros, atualmente, trazem benefícios. O espectador se sente feliz quando a piada foi bem traduzida e, assim, confortável e confiante para seguir assistindo outros episódios, mas a experiência própria com a série pode acabar sendo rápida demais se ele não se depara com qualquer divergência. Então, temos o outro lado da moeda, na qual o receptor do discurso percebe que há algo errado com o que ele assistiu: as “risadas do coro” não batem com o momento (na verdade, na língua original batem), ele não se sente parte daquele núcleo e a pergunta se torna “qual é a graça? Eu não entendi”, e a curiosidade o atinge. Deste ponto, ele tem duas opções (sim, nossa tendência é sempre pensar que nosso público está programado ao “comodismo” e à “ignorância”): ignorar a piada (ou até mesmo o episódio) ou tentar assistir e procurar a referência daquela piada ou até mesmo seu real significado.

Neste aspecto, o *streaming* de vídeos gratuitos YouTube se tornou fundamental, não somente sendo uma ferramenta que garante uma grande acessibilidade a conteúdos diversos como também um tipo de rede social de acesso ilimitado, capaz de captar tanto os interesses do espectador (quantos “curtiram” ou não) quanto suas opiniões (sistema de comentários e respostas). E se antes um fã de uma determinada série precisava recorrer a um fórum exclusivo sobre a mesma (que nem sempre poderia existir ainda, o que poderia tornar o mundo desse espectador um pouco mais “solitário” se ele tivesse que inaugurar esse fórum), hoje ele pode recorrer a esta “rede social”, muito mais ampla a nível global, com falantes de diversas línguas e níveis sociais dispostos a trocar ideias o tempo todo. O fluxo de comentários, dependendo do conteúdo (especialmente se já foi exibido na TV), é muito grande, o que significa que o tempo todo há alguém disponível a solucionar um problema, sanar uma dúvida ou simplesmente interagir com outros usuários do *streaming*. Analisando este contexto, Jenkins (2009, p. 357) aponta que

[...] o YouTube representa o encontro entre uma série de comunidades alternativas diversas, cada uma delas produzindo mídia independente há algum tempo, mas agora reunidas por esse portal compartilhado. Ao fornecer um canal de distribuição de conteúdo de mídia amador e semiprofissional, o YouTube estimula novas atividades de expressão [...]. Ter um site compartilhado significa que essas produções obtêm uma visibilidade muito maior do que teriam se fossem distribuídas por portais separados e isolados. Significa também a exposição recíproca das atividades, o rápido aprendizado a partir de novas ideias e novos projetos e, muitas vezes, a colaboração, de maneiras imprevisíveis, entre as comunidades.

Então, se antes era mais “cômodo” e comum termos um espectador brasileiro “seguindo em frente”, sem maiores indagações, sobre as piadas da *sitcom*, agora temos também uma grande quantidade de “curiosos”, fãs da série que visitam e revisitam todo o show em busca de respostas e resoluções para problemas com a tradução, que desenvolvem uma boa percepção sobre erros de continuidade na dublagem e até mesmo a falta que ela faz (ou então as lacunas que ela preenche) nas versões dublada e legendada. Precisamos de uma nova percepção do espectador também, de que ele não é mais “alienado”, “ignorante” ou “inculto” por dar preferência à cultura audiovisual antes da literária, a “dublagem” à “legendagem” ou por comparar ambos e ter uma impressão melhor de um filme ou série do que de um livro, como já é claro que a “dublagem sofre preconceito até hoje” (Konecni, 2016). Na verdade, essa capacidade de perceber as lacunas e problemas na série já mostra o interesse do espectador em capturar referências e, num significado muito mais simples: aprender algo novo, talvez até mesmo uma nova língua; de fato, aprender duas novas línguas: a língua que a série fala e a língua que “diverte” a série. Esta tarefa de “preencher lacunas” se torna uma tarefa de leitura crítica e, conseqüentemente, uma “releitura” e até mesmo uma “retradução” que dispensa o auxílio de profissionais da tradução ou de técnicas que tentam fornecer uma “explicação”. Nosso espectador reconhece a “graça” em gênero, número e grau; ele identifica o “desconhecido” até mesmo se o discurso fizer sentido e for o mais bem traduzido possível.

Por isso, se pensamos que a tradução feita de forma “inapropriada” ou até mesmo “desnecessária” pode atrapalhar os espectadores e até causar “desconforto” na compreensão de piadas incríveis na série, estas “falhas técnicas” também podem ser a melhor forma de fazer um espectador chegar mais perto de uma cultura e uma língua estrangeiras, tornando-o muito mais do que um mero espectador: um investigador, um pesquisador, um intérprete da língua, um estudante, um revisor e, principalmente, um tradutor. E é através do *streaming* YouTube que esta nova experiência do espectador com uma “educação não formal”, gratuita, à distância, divertida e ampla acontece (Pechansky, 2016). A tradução também depende de um trabalho de interpretação pessoal de um determinado conteúdo, e é nestes momentos onde ela apresenta “problemas” que surge a oportunidade pessoal de ter uma nova experiência não somente com o conteúdo, mas com sua linguagem. Afinal, não podemos acreditar que o objetivo da dublagem seja simplesmente fazer o espectador entender em sua própria língua aquilo que ele não consegue de forma nenhuma no texto-fonte. Principalmente no campo da

comédia, quando o sentido não é bem-sucedido, também existe o espectador que é curioso e anseia pesquisar até encontrar o encaixe perfeito da cena com a interação que ele deseja, ou seja, o riso.

10. Quando tem mais graça?

A situação em que “Eu, a Patroa e as Crianças” se encontra parece ter uma disparidade grande na escolha entre a dublagem e a legendagem. Considerando não somente a quantidade de visualizações de um mesmo episódio dublado e legendado na mesma plataforma de *streaming* (aqui, consideramos o YouTube por ser o mais popular entre os espectadores da série), podemos ver a massiva participação e preferência do espectador brasileiro pela versão dublada (mais de 4 milhões de visualizações no episódio citado neste trabalho):



Figura 1: Título do episódio dublado “Um Pouco de Romance”

Fonte: *YouTube/Canal Eu, a Patroa e as Crianças TV*

Contra menos de 3 mil visualizações da versão **dublada** do mesmo episódio, como podemos ver abaixo:

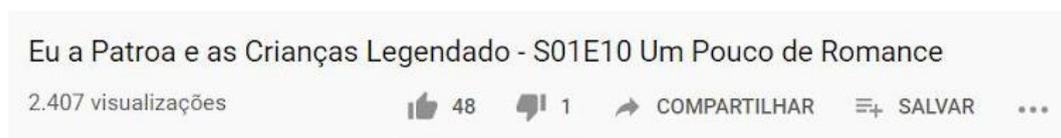


Figura 2: Título do episódio legendado “Um Pouco de Romance”

Fonte: *YouTube/Canal Comédia Pra VC!*

Vemos também, através dos comentários e da interação entre os próprios fãs da série em cada episódio postado na plataforma, o nível de familiaridade do público com as falas dos personagens na versão dublada, bem como o interesse deles em compartilhar ou até mesmo auxiliar a compreender referências aparentemente mais “difíceis” de se captar:



Figuras 3 e 4: Comentários sobre dois episódios diferentes da série

Fonte: *YouTube/Canal Eu, a Patroa e as Crianças TV*

O episódio “O Piquenique”, por exemplo, traz essa interação grande entre os fãs da série, uma vez que a palavra “beach” (mencionada diversas vezes no episódio, mas num tom sarcástico e intencional do trocadilho com outra palavra de som semelhante) é o nome do lugar onde Michael irá jogar golfe, e não foi traduzido, levantando dúvidas para alguns e percepções mais fáceis para outros:

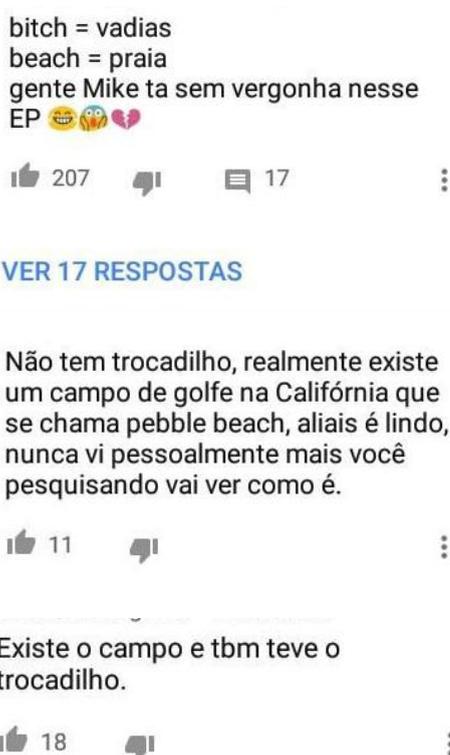


Figura 5: Comentários sobre o episódio “O Piquenique”

Fonte: *YouTube/Canal Jogo Doido1*

11. Traduzindo além do texto

Um fato similarmente curioso quanto ao discurso presente em toda a série tange à linguagem de cada personagem. É notória não somente a diversidade de personagens de níveis socioculturais distintos como também a diversidade de linguagens divergentes. Como uma série do gênero cômico, a precisão e a linearidade de discursos num tom que mantenha o espectador entretido durante cada e todo episódio **é necessária**, o que significa manter a linguagem de forma padrão de acordo com a temática da série (ainda que a mesma convide outras línguas para si, como acontece em *How I Met Your Mother* e *Friends*, que conteve episódios em diálogo com as línguas alemã e francesa, por exemplo). No entanto, em *Eu, A Patroa e As Crianças*, as versões original, dublada e legendada desenharam um vocabulário

peculiar para alguns dos personagens, como é **no** caso do personagem Franklin e de diversos outros personagens na série. Cada um deles vem de um mesmo contexto cultural, mas de diferentes contextos sociolinguísticos e personativos, o que pode tornar algumas piadas mais acessíveis e mais fáceis do que outras. Quando falamos do personagem Tony, por exemplo, sabemos que é um jovem americano falante do inglês, que pertence às mesmas redondezas dos demais personagens da série, mas suas referências sociolinguísticas quanto à construção de suas piadas **é** de cunho religioso e, por isso, de simplicidade e cuidado maior do que os demais personagens quanto ao uso de linguagem mais forte. Um dos episódios que comprova essa linguagem “própria” se chama “A Tribo de Michael”, e na versão dublada, onde o personagem está traumatizado com a morte do hamster e tenta pensar em ideias para lidar com a vida de uma forma mais “radical” e menos limitada (como a de seu hamster), a forma como menciona suas ideias é tão inocente quanto suas próprias características, com direito à autocorreção em respeito à sua consciência como cristão:

*“Você tem razão. O velho Tony choraria. Mas o novo Tony vai viver a vida, não ferra! **Eu ofendi você?** [...] De agora em diante serei livre. Vou ser um rebelde, fazer as maiores loucuras. [...] Vou mexer com o perigo. Vou atravessar olhando só pra um lado!”*

Isso significa que o processo de tradução e de dublagem também precisa traduzir a língua do personagem. Tony, como um jovem criado em lar cristão e submisso às leis de Deus e ao respeito ético e moral ao “próximo”, precisa ser transmitido junto com as piadas da série, e este não é um papel apenas realizado pelo ator, mas pelo tradutor e pelo dublador, realizando as adaptações de acordo com o seu contexto sociolinguístico. O tradutor da série para a língua portuguesa teve sucesso em traduzir não apenas literalmente o que o personagem transmite, mas toda sua cultura, provando que mesmo o contexto religioso tem seus momentos de “graça” e entretenimento sem provocar ofensas a ninguém. Os problemas pelos quais Tony passa, que no cunho religioso são as chamadas “tentações” ou “conflitos”, também são transmitidos tanto num tom quanto numa linguagem de preocupação e vigilância com o comportamento pessoal, e este trabalho grupal realizado pelo ator-tradutor-dublador torna a série compreensível e divertida num todo para os fãs da série.

Quando mencionamos o personagem do Franklin, a tarefa parece um pouco mais complicada para fazer as piadas terem graça, uma vez que estamos falando de um personagem com nível de conhecimento superior ao dos demais personagens da série. E por ter como marca não as piadas, mas o fato de boa parte das vezes ser mal-sucedido em surtir efeitos

cômicos após contá-las e, por isso, simular um microfone “falhando” seguido de um “alô?” (simbolizando a falta de graça), é uma tarefa mais difícil ainda tentar situá-lo em apenas um contexto sociolinguístico, já que o personagem tem conhecimentos de diversas áreas acadêmicas, desde humanas até exatas, e maior parte de suas referências e de seu vocabulário “rebuscado” foge ao entendimento da maioria dos espectadores. Assim, a tradução não deve ser tão adaptável a ponto de descaracterizar Franklin e colocá-lo em nível semelhante ao dos demais componentes da *sitcom*, mas ao mesmo tempo, por tratar-se de um personagem secundário de grande participação ao longo da série, não pode torná-lo **naquele** que desacelera o fluxo de entretenimento de qualquer episódio que seja. Por isso, enquanto algumas referências são mais simples, utilizáveis e irrecusáveis (como as que Franklin utiliza no episódio “A Permissão de Claire”, ao se referir a Shakespeare como “O Bardo” e Michael fazer um trocadilho com o “**Bar do Simpson**”; posteriormente, Franklin utiliza a mesma referência aos Simpsons ao falar de “Homero” e utiliza a marca de Homer na cena quando se dá mal em alguma coisa), outras estabelecem um limite de humor, como acontece com o personagem ao conversar com Kady sobre a perseguição que sofre no parquinho no episódio “Reunião de Classe”:

*“Tô sendo importunado por uns **rufiões**. [...] Uns malfeitores, uns garotos de rua, direto de *Oliver Twist*. [...] Amor, sublime amor.”*

Este comentário, feito por Franklin para Kady (cuja falta de referências para entender as piadas do namorado é uma das marcas cômicas da série), limita o entendimento do espectador quanto à menção de uma obra literária famosa (de Charles Dickens) e de um musical (“Amor, Sublime Amor”, de 1961, que conta a história de uma guerra de gangues de diferentes níveis socioeconômicos) ao público falante de língua inglesa, não ao de língua portuguesa. O uso de adjetivos mais formais e pejorativos para explicar a situação de *bullying* que ele vivencia no parquinho é feito com sucesso e transmite a ideia de que as crianças que o importunam são ruins. No entanto, a intensidade da maldade destas ações faz alusão **à** um elemento desconhecido aos espectadores brasileiros, mesmo que o ator tente encenar com mímica algo que remeta ao que ele está tentando traduzir, tanto para Kady quanto aos que o assistem.

12. Deu problema? Os espectadores respondem

Realizamos uma pesquisa com mais de 100 espectadores e fãs da série que nos dão a entender o nível da importância da tradução, dublada e legendada, que relatam em quais momentos a compreensão da série ficou comprometida e se isso se tornou um impedimento para entender o restante do episódio ou até mesmo da série. Também relacionamos a falta de compreensão com o perfil dos personagens que englobam a série, como discutimos anteriormente, para averiguar se a “segunda tradução” é realizada e não compromete a aceitação de um personagem para o público.

Do público entrevistado, 24% dos espectadores da série falam apenas português. Os outros 76% possuem um certo contato com a língua, do nível básico ao fluente, e 40% destes tem um nível iniciante de inglês. 70% dos entrevistados assistiu a todos os episódios, em ordem ou fora dela. 63% dos entrevistados prefere assistir a série dublada **do que** legendada, contra 26% que já assistiram legendada e aproximadamente 10% que conseguem assistir das duas maneiras sem preferência. Isso prevê que boa parte do público prefere desfrutar da série na modalidade oral da língua portuguesa. E nesse quesito, entramos em um ponto curioso: quase 40% dos espectadores não conseguiu entender uma determinada piada ou episódio da série, ou seja, quase metade dos que assistiram a série.

A maior parte dos entrevistados deixou passar a falta de compreensão, mas 37% deles decidiu repetir e tentar entender o que aconteceu na cena ou no episódio na versão dublada. Quando isso não funcionou, 27% dos espectadores procurou a versão original, legendada ou não, para tentar entender a piada.

E de forma mais específica, alguns espectadores relataram quais episódios ou cenas não fizeram sentido para eles. A “piada” mais mencionada pelos espectadores (pelo menos quatro vezes especificamente) foi a do episódio 7 da 3ª temporada, “Mãe Ortodoxa, Pai Liberal”, que é mencionada pelo menos outras quatro vezes (sendo três delas pelas crianças que vão participar da peça sobre Shakespeare) durante todo o episódio: “bota o amendoim no buraco do amendoim!”, como é possível visualizar no gráfico abaixo:

Você lembra qual era a piada/episódio que ficou incompreensível? Se sim, qual?

37 responses

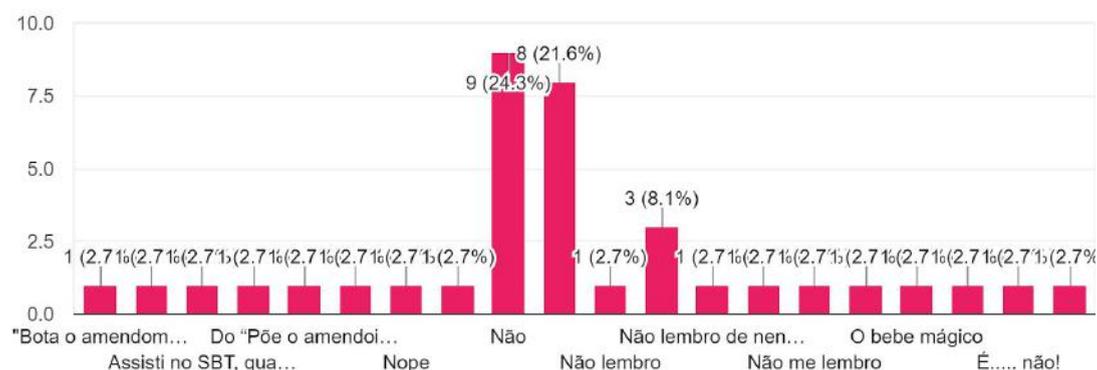


Figura 6: Estatísticas do formulário respondido pelo Google Forms

Fonte: *Google Forms*

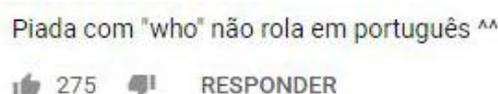
Para quem está curioso, até mesmo no Google é possível encontrar fóruns de discussão, blogs e “Yahoo Answers” abertos para tentar encontrar o sentido dessa piada, muitas vezes mencionada no mesmo episódio (e, por isso, sua compreensão deve ser importante). O blogueiro Júlio César Fantin (do blog Júlio Fantin), por exemplo, apresenta uma hipótese histórica para essa frase:

“algumas pesquisas apontam que esta é uma frase milenar. Os pigmeus (sic) se reuniam em um convento secreto. Num desses dias, um ptolomeu se engasgou com o próprio sangue e antes de morrer ele falou ao filho: "Coloque o amendoim no...", mas não conseguiu terminar a frase. [...] O estranho é que quanto mais nova a criança, mais fácil da frase ser compreendida. As crianças riem da frase, já os adultos imaginam hipóteses. Muito marmanjo interpreta a frase como malícia.” As respostas dos internautas à explicação, no entanto, parecem dar margens a outras interpretações, e uma das que mais agradou ao público foi a do internauta “Leandro”, que respondeu: “Olha... na verdade é um trocadilho maldoso sim, e que só faz sentido em inglês... "Peanut" (amendoim) e "penis" (pênis) possuem uma pronúncia bem próxima. Sacou? A pronúncia "pinats" e "pinas" fale isso rápido e vai perceber o que é pra colocar e onde...”

A salva de risadas e agradecimentos ao internauta foi massiva, e quem voltou ao episódio para uma releitura com a explicação fornecida aceita e interage com o episódio de uma forma melhor, principalmente graças à cena final do episódio, na qual Michael repete a frase para Jay enquanto eles estão na cama e, quando ela diz que ainda não entende, ele a abraça e diz “mas vai entender” e eles começam a se beijar (provavelmente antecipando o ato conjugal, como previsto pelo internauta Leandro).

Outras piadas e episódios mencionados pelos entrevistados foram muito específicos e pouco compartilhados por outros espectadores, como o episódio do “Bebê Mágico” (5ª temporada, episódio 5) e a piada de Claire tentando convencer o pai através de um jingle (que Junior cria para comemorar sua mais nova carteira de motorista) a adquirir um kit de fotografia escolar caríssimo para ela (2ª temporada, episódio 27, ela canta: “não compre o básico”). Boa parte dos entrevistados não se lembrou da piada especificamente. Por isso, fomos até os episódios no YouTube, onde o público é maior e os comentários dos espectadores também são relevantes. Os fãs da série podem apresentar um senso crítico maior em relação a determinados episódios e (uma vez que eles podem assistir novamente quantas vezes desejarem no *streaming* para entender alguma parte melhor), e por isso ganham sua importância neste trabalho.

Um ponto de divergência percebido pelos espectadores foi entre os episódios “Jr. vende seu carro” (4ª temporada, episódio 16) e “Guerra dos Restaurantes” (5ª temporada, episódio 8), onde os mesmos personagens coadjuvantes de ambos os episódios surgem com sobrenomes diferentes. No entanto, a diferença mais alarmante que essa mudança provoca é o efeito cômico que é provocado em um episódio, mas não no outro. Os espectadores são levados a acreditar que os personagens são os mesmos, Eddie e Annie, donos de um restaurante de comida chinesa no centro de Connecticut (eles assumem esse papel nos dois episódios) e, por isso, o estranhamento é notório quanto à mudança dos sobrenomes dos personagens. No episódio “Jr. vende seu carro”, por exemplo, o casal sino-americano apresentado é Eddie e Annie Hu, semelhante à versão em inglês (referência ao som da palavra “who”, em inglês; o nosso “quem” em português), e apesar das ênfases dadas ao sobrenome deles como um “trocadilho” durante o episódio, os próprios espectadores não compreendem qual é a graça (mesmo com o fundo de risadas durante as “ênfases”). Os comentários refletem o problema que esta tradução (ou melhor dizendo, da falta dela, nesse sentido) trouxe aos espectadores:



Piada com "who" não rola em português ^^

👍 275 👎 RESPONDER

Figura 7: Comentário sobre o episódio “Jr. vende seu carro”

Fonte: *YouTube/Canal Jogo Doido1*

E eles mesmos entendem como a piada poderia funcionar em outro sentido, traduzindo o “who” para “Ken” (como um nome próprio) com o mesmo som de “quem” da língua portuguesa:

Deviam ter traduzido o sobrenome pra Ken pra piada funcionar..
 👍 95 🗨️ RESPONDER

Figura 8: Comentário sobre o episódio “Jr. vende seu carro”

Fonte: *YouTube/Canal JogoDoido1*

Enquanto isso, no episódio “Guerra dos Restaurantes” o casal Eddie e Annie surgem novamente, mas com seus nomes devidamente encaixados no contexto cômico, e isso se percebe pelas suas reações negativas quando qualquer personagem fala seus sobrenomes. Nos comentários dos espectadores já percebemos tanto uma satisfação maior com sua recepção quanto uma comparação com o episódio anterior, onde os mesmos personagens apareceram, mas com uma tradução diferente em seus sobrenomes:

os hoo agora são os keen? USAHSUAHUAHUAHSAUHSUIUHS
 👍 111 🗨️ RESPONDER
 Ocultar respostas ^

Figura 9: Comentário sobre o episódio “Guerra dos Restaurantes”

Fonte: *YouTube/Canal JogoDoido1*

É porque é um trocadilho. Who em inglês é quem. E a série original em inglês fica "os hoo" em português "os keen". Deve ter sido só um problema de dublagem.

👍 48 🗨️ RESPONDER

Figura 10: Comentário sobre o episódio “Guerra dos Restaurantes”

Fonte: *YouTube/Canal JogoDoido1*

antes era os who né kkk agora mudou pra os "Quem" o nome deles pq, acredito eu, pra dar certo a piada no Brasil

👍 88 🗨️ RESPONDER

Figura 11: Comentário sobre o episódio “Guerra dos Restaurantes”

Fonte: *YouTube/Canal JogoDoido1*

E reproduzem com prazer os ajustes e as falas dos personagens do episódio:

os quem quem??
 👍 17 🗨️ RESPONDER
 Ocultar respostas ^

Você não cansa disso não?! kkkkkkkkkkk

👍 8 🗨️ RESPONDER

QUEM MANDA NA RUA QUEN QUEN QUEN QUEN

QUEN KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK

👍 4 🗨️ RESPONDER

Figuras 12, 13 e 14: Comentários sobre o episódio “Guerra dos Restaurantes”

Fonte: *YouTube/Canal JogoDoido1*

E até mesmo fazem referências a outras produções audiovisuais de sucesso que se utilizam do mesmo trocadilho:

Eu acho graça até hoje dessas piadas, e esse nome desses chineses os Quem, ficou ótimo para entender no português, uma coisa que dá nos nervos é a dublagem de CSI Nova Iorque, eles não traduzem corretamente e na hora dos trocadilhos eles dão furo, principalmente quando explicam sobre o nome do bairro Cozinha do Inferno.

Essa série é boa pois traduzindo tudo agente consegue entender os trocadilhos perfeitamente. Parece até aquele cara do filme rain main, qual o nome do jogador da terceira base, se chamava Ken e ele dizia quem?

Mostrar menos

👍 1 🗨️ RESPONDER

Figura 15: Comentário sobre o episódio “Guerra dos Restaurantes”

Fonte: *YouTube/Canal JogoDoido1*

Alguns se aventuram a fazer outras traduções que não foram feitas sequer pelo estúdio de dublagem. Este episódio, por exemplo, assim como o episódio “Jr. vende seu carro”, traz uma cena em que o casal e o personagem Franklin discutem em chinês. No episódio anterior, no entanto, não há nenhuma tradução para o diálogo, enquanto que em “Guerra dos Restaurantes”, o diálogo é legendado para a língua inglesa, mas na versão dublada a tradução não é feita. Um espectador do episódio comenta a tradução no YouTube e colabora para a compreensão desta cena:

tradução em 14:58 do Franklin:

surrender now, or the house of hoo will crumble and fall = rendição agora, ou a casa vai desmoronar e cair

tradução em 15:06 da japonesa

Take your best shot = pegue o seu melhor tiro

Mostrar menos

👍 1 🗨️ RESPONDER

Figura 16: Comentário sobre o episódio “Guerra dos Restaurantes”

Fonte: *YouTube/Canal JogoDoido1*

Os fãs da série em inglês também percebem uma divergência numa piada desse mesmo episódio (sobre a discussão dos nomes que Jay quer dar ao restaurante, como por exemplo “A Torta”), que passa por um processo de adaptação para o português, e desenvolvem sua crítica em relação à cena:

Na verdade na versão em inglês, essa piada do Franklin em 7:10 é muito diferente, o restaurante ia se chamar "the clobber" que nos EUA significa uma "torta de fruta" e na Inglaterra significa "sapateiro", então o Franklin num trocadilho diz que seria um bom nome só se ela quisesse "atrair pessoas trazendo sapatos velhos", quer dizer como se fosse a oficina de um sapateiro, e ele explica que the clobber em inglês britânico é o mesmo que sapateiro (shoemaker nos EUA) e acaba ficando no vácuo como vocês viram, mas é uma piada inteligente por isso só um intelectual como o Franklin riria dela.

O episódio em inglês se chama "Restaurant Wars"

Mostrar menos

👍 👎 RESPONDER

Figura 17: Comentário sobre o episódio “Guerra dos Restaurantes”

Fonte: *YouTube*

13. Considerações finais

Apesar da pouca menção do papel da tradução e sua importância nos meios acadêmicos, cada espectador brasileiro, não apenas da série “Eu, a Patroa e as Crianças” mas de diversas outras séries já adaptadas, reconhece seu valor e porta-se como ouvinte, crítico e participante de sua aprovação e aceitação para futuros públicos. O debate saudável entre o que é melhor sempre ganha novas razões e justificativas pelo próprio público receptor do conteúdo, que possui uma confiança e credibilidade tão grande quanto a de um especialista. No Brasil, são populares, por exemplo, convenções e até mesmo feiras de *anime* (desenho animado japonês) que homenageiam e convocam a presença de dubladores de personagens aclamados pelos fãs. O mesmo público, no entanto, pode se dividir e considerar a voz original de um determinado ator melhor para assistir e, por isso, **para** optar pela legendagem.

Pudemos, através dos resultados obtidos, observar que a recepção da dublagem é maior no campo do entretenimento, aventura e comédia, mas que a versão dublada enfrenta desafios de adaptação cultural, por exemplo, além da dificuldade em manter certos conteúdos fiéis ao original e a compreensão ao mesmo tempo. Ainda assim, a dublagem segue impressionando e cativando o público brasileiro. A legendagem dos conteúdos deste gênero em especial, no entanto, parece não ter uma recepção tão grande, mas continua a ser preferida em outros gêneros do mercado audiovisual. Ela, no entanto, pode enfrentar menos problemas com adaptação, uma vez que o público se orienta através da leitura da legenda e, por isso, tem a oportunidade de procurar a informação que foi transmitida de forma mais exata em caso de

incompreensão (o que não acontece na dublagem, já que o espectador se orienta apenas como ouvinte e pode não captar o que foi falado).

Referências Bibliográficas

A LITTLE ROMANCE. Produção de Damon Wayans, Damon Wayans Junior e Don Reo. Connecticut: Eu, a Patroa e as Crianças, 2002. 1 vídeo (20 min.).

<<https://www.youtube.com/watch?v=rfdXwHjJ9zc&t=677s>>. Acesso em: 6 dez. 2019.

A TRIBO DE MICHAEL. Produção de Damon Wayans, Damon Wayans Junior e Don Reo. Connecticut: Eu, a Patroa e as Crianças, 2002. 1 vídeo (20 min.). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=A_xw1q-gr68&t=416s>. Acesso em: 4 nov 2019.

BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. Londres: Routledge, 2000. 3ª ed.

DAGUT, M. B. Can “Metaphor” Be Translated? 1976. *Babel: International Journal of Translation*, vol. 22, p. 21 - 33.

Eu, a Patroa e as Crianças. Direção: Don Reo, Damon Wayans e Damon Wayans Junior. EUA, 2001. Produção: Wayans Brothers.

FANTIN, Júlio. “Coloque o amendoim, no buraco do amendoim...”. *Blog de Júlio Fantin*, 16 jun 2010. Disponível em:

<<http://juliofantin.blogspot.com/2010/06/coloque-o-amendoim-no-buraco-do.html>>. Acesso em: 15 abr 2019.

GUERRA DOS RESTAURANTES. Produção de Damon Wayans, Damon Wayans Junior e Don Reo. Connecticut: Eu, a Patroa e as Crianças, 2004. 1 vídeo (20 min.). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=z8LRXodf4XA>>. Acesso em: 15 abr 2019.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009. Disponível em: <https://www.nucleodespesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura_da_convergencia_-_henry_jenkins.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2019.

JR. VENDE SEU CARRO. Produção de Damon Wayans, Damon Wayans Junior e Don Reo. Connecticut: Eu, a Patroa e as Crianças, 2004. 1 vídeo (20 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a7Ha5DaV2ZY&t=838s>>. Acesso em: 15 abr 2019.

MENDES, Regina Helena Ribeiro. *Diretor de dublagem e dublador: os co-autores da tradução para dublagem*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp044338.pdf>>. Acesso em: 4 nov 2019.

O PIQUENIQUE. Produção de Damon Wayans, Damon Wayans Junior e Don Reo. Connecticut: Eu, a Patroa e as Crianças, 2005. 1 vídeo (20 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n3_PTdRoNnc&t=513s>. Acesso em: 4 nov 2019.

O PRESENTE DE ANIVERSÁRIO. Produção de Damon Wayans, Damon Wayans Junior e Don Reo. Connecticut: Eu, a Patroa e as Crianças, 2004. 1 vídeo (20 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3OWgHKkhHw&t=672s>>. Acesso em: 4 nov 2019.

PECHANSKY, Rafaela Chiapin. *O YouTube como plataforma educacional: reflexões acerca do canal Me Salva*. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0123-1.pdf>> Acesso em: 6 dez. 2019.

POSSENTI, Sírio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. Editora Parábola, São Paulo, 2018. 1ª ed.

RAMOS, Jamille Santos Alves. *A recepção da dublagem e da legendagem no Brasil*. Bahia: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2012. *Revista Vozes dos Vales*, nº 02, ano I, out 2012. Disponível em:

<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/A-recep%C3%A7%C3%A3o-da-dublagem-e-da-legendagem-no-Brasil_CORRIGIDO.pdf>. Acesso em: 18 abr 2019.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

UM POUCO DE ROMANCE. Produção de Damon Wayans, Damon Wayans Junior e Don Reo. Connecticut: Eu, a Patroa e as Crianças, 2001. 1 vídeo (20 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Gj5UB1aSq-A&t=135s>>. Acesso em: 4 nov 2019.